

FRISSON NO OLHO, GUERRA ENTRE OS DENTES
FRISSON IN THE EYE, WAR BETWEEN THE TEETH

Stefano Lopes dos Santos¹



SWINGUERRA. Direção: Bárbara Wagner e Benjamin de Burca. Brasil: Ponte Produções, 2019, 23 min. Color. Visionado durante o 22º Festival Internacional de Curtas de Belo Horizonte, em nov. 2020.

Resumo: Resenha crítica do curta-metragem recifense “Swinguerra”, dirigido por Benjamin de Burca e Bárbara Wagner e lançado mundialmente em 2019, que resulta de uma pesquisa acerca de manifestações culturais locais. O filme retrata os ensaios de grupos variados para uma competição anual de dança focada em swingueira, um fenômeno cultural majoritariamente periférico.

Palavras-chave: Swinguerra; Corpo; Performance; Dança; Swingueira.

Abstract: Critical review of the Recife’s shortfilm “Swinguerra”, directed by Benjamin de Burca and Bárbara Wagner, world premiered in 2019, result of a research about regional cultural manifestations expressions. The film shows the rehearsals of various dance groups for an annual competition focused on swingueira a cultural phenomenon mostly peripheral.

Keywords: Swinguerra; Body; Performance; Dance; Swingueira.

1 Pós-graduando em Corpo e Palavra nas Artes da Cena e da Imagem. É bacharel em Cinema e Audiovisual pela Universidade Estadual do Paraná – campus de Curitiba II/Faculdade de Artes do Paraná (FAP) e licenciando em Letras – Português pela Universidade Paulista, São José dos Campos, São Paulo, Brasil. E-mail: stefano_lopesantos@yahoo.com.br

Meu corpo é meu quando todo mundo tem também o seu.

A liberação é sempre um acontecimento comum.

Da ordem do comum (Ana Kiffer).

Se há conflito instaurado em *Swinguerra*, ele não é meramente corporal – os corpos dançantes não se confrontam, apenas; somam-se em uma corporeidade maior de grupo, como evidenciado pela planificação mais aberta do filme, que enquadra, majoritariamente, corpos como monumentos na paisagem. Não por acaso: a fotografia de Pedro Sotero, sempre bastante atenta à movimentação, aqui une magistralmente a contemplação do gesto ao movimento em si do próprio dispositivo cinematográfico, cujo deslocamento diligente contrasta com a movimentação dos corpos em tela, engrandecendo os seus gestos e também eles próprios.

Logo, num movimento pós-colonialista na lida com os registros da escritura e da narrativa dos e pelos corpos, o filme transpassa esforço na consolidação de um novo regime de imagens sobre a corporeidade, recontando e ressignificando a história do corpo ao tornar sensibilidades corporais dissidentes e populares inteligíveis. Esforço esse que parecer ser, tal como nas artes da presença, contemplado como matéria prima da obra – o suor que escorre dos dançarinos é como a sublimação de um processo. Assim o é também, ao se ouvir, durante uma apresentação, o DJ interferir na música promovendo o seu trabalho (o seu esforço): “DJ Binho do Coque, o pai da facção”.

O som ambiente antes do início dos ensaios de dança contrasta com as músicas e os gritos de grupo durante suas performances, que funcionam como gritos de guerra mesmo. Ali, os grupos dizem quem são e a que vieram. Assim, o microcosmos da quadra pública, cujas paredes são pintadas em verde e amarelo, é metonímia do Brasil, incorporando também todas as suas contradições, tais como as formações binárias, “das meninas” e “dos meninos”, e as dilatações, dentro dessas mesmas formações, da performatividade esperada desses corpos – uma espécie de revide moral coreográfico –, em meio às repetições de posturas impostas culturalmente.

Embora a preparação para a competição de dança se instaure contextualmente como drama rarefeito, a guerra em si pode ser apreendida enquanto a realidade do mundo lá fora – não o fosse, durante o ensaio, não haveria por que as dançarinas alcunharem os passos da coreografia com expressões como “chuta, não me toca” e “sai daqui que eu tô na paz”. Ali, elas estão de fato em paz. Lá fora, resistem à guerra cotidiana.

Figura 01 – O grupo ensaia para a câmera



Fonte: Frame de *Swinguerra* (2019)

Ao contrário das concepções etnográficas muitas vezes atribuídas ao trabalho da dupla Bárbara Wagner e Benjamin de Burca, em *Swinguerra* interessa a performance – os grupos não apenas dançam, eles dançam para a câmera; olham-na no olho. Não só: a luz também performa, vez ou outra, no ritmo dos corpos. Eduarda Lemos é uma diva *pop* autoconsciente que encara a câmera com frontalidade, dona de seu próprio protagonismo. É a partir dela, dos olhares que recebe e lança de volta, que um frisson se instaura entre os grupos – e se impõe ao espectador.

Figura 02 – Eduarda Lemos encara a câmera/o público



Fonte: Frame de Swinguerra (2019)

REFERÊNCIAS

KIFFER, A. **O corpo larvar, ou a máquina de produzir anfíbios**. Revista DR (online), ed. 3. Disponível em: <<http://revistadr.com.br/posts/o-corpo-larvar-ou-a-maquina-de-produzir-anfibios>>. Acesso em 14 jan. 2021.

SWINGUERRA. Direção: Bárbara Wagner e Benjamin de Burca. Brasil: Ponte Produções, 2019, 23 min. Color. Visionado durante o 22º Festival Internacional de Curtas de Belo Horizonte, em nov. 2020.

Recebida em: 14/01/2021

Aceita em: 06/09/2021